

FILOSOFIA, EDUCAÇÃO E METODOLOGIA DE ENSINO EM COMENIUS

Ursula Rosa da Silva¹

Resumo:

Este trabalho vai ao encontro da proposta de temática deste seminário de pensar novas alternativas provenientes da relação entre filosofia e educação, considerando a demanda de um convívio na diversidade. Comenius é um pensador do século XVII, pioneiro na proposta de uma educação democrática, que incluísse a todos, pobres, ricos, homens, mulheres, inteligentes e menos capazes. Na sua *Didática Magna*, com o ideal de pansofia, prega um ensinar “tudo a todos totalmente” (*Omnes Omnia Omnino*). O significado destes termos, assim como a sua proposta educacional é que se pretende abordar. O presente estudo é parte de um projeto de pesquisa que está sendo desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas/RS, na linha de pesquisa História da Educação. Um dos objetivos específicos do referido projeto é o de retomar algumas idéias filosófico-pedagógicas ocidentais a respeito do pensar na criança, e é neste contexto que apresentamos o texto sobre as propostas de Comenius quanto à educação, seu fundamento filosófico e sua noção de infância.

Palavras-chave: Filosofia. Educação. Infância.

A atualidade de um autor como Comenius² se dá em dois aspectos: de um lado, em questões polêmicas, como por exemplo, a crítica que se faz a sua concepção do processo de conhecimento – convergindo um empirismo impressionista a um inatismo enquanto predisposição natural para o conhecer – e, de outro, nas temáticas completamente atuais que se encontram contempladas na sua proposta de educação, tais como, democratização do ensino; reforma das escolas; ensino não-fragmentado; educação infantil (de zero a seis anos) com conteúdos filosóficos; princípio da heterogeneidade educacional.

Comenius apresenta a escola como sendo uma das principais bases da sociedade, o fundamento da formação humana:

¹ Professora do IAD/UFPEL/RS, doutora em História (PUC/RS); doutoranda em Educação, na linha de História da Educação (UFPEL). e-mail: bear@ufpel.edu.br.

² João Amós Comênio (1592-1670) – pastor e bispo dos morávios (atual República Checa), conhecido mais pelo seu nome em latim, Comenius – é um pensador do século XVII que antecede a Rousseau em relação a propostas para a educação infantil, sendo considerado um pioneiro nesta área e o pai da pedagogia moderna. A sua obra *Didática Magna* (1632) é definida por ele como “um método universal de ensinar tudo a todos” (Comênio; 1966, p.45).

Se, portanto, queremos Igrejas e Estados bem ordenados e florescentes e boas administrações, primeiro que tudo ordenemos as escolas e façamo-las florescer, a fim de que sejam verdadeiras e vivas oficinas de homens e viveiros eclesiásticos, políticos e econômicos. Assim facilmente atingiremos o nosso objetivo; doutro modo, nunca o atingiremos. (Comênio; 1966, p.71).

Dada esta responsabilidade da escola, ele vai pensar o que ela deve ensinar e como. A obra *Didática Magna*, ou Tratado da Arte Universal de Ensinar Tudo a Todos, pretende ser um método seguro de instituir, em todas as comunidades, escolas para a formação de jovens, independente de sexo ou classe social. Nesse sentido a proposta de Comenius se constitui pioneira na democratização do ensino, onde mulheres e os menos favorecidos socialmente (deficientes mentais, operários, agricultores, em geral excluídos) também são incluídos. A visão da didática de Comenius é de que o conhecimento deve estar acessível a todos: aos homens, às mulheres, às crianças, aos pobres, aos ricos, aos inteligentes e aos de mentes débeis.

Para ele a educação deve ser universal e se deve ensinar tudo a todos. Inclusive a capacidade da mulher para o conhecimento é bastante valorizada por ele: “Não pode aduzir-se nem sequer um motivo válido, pelo qual o sexo fraco (...) deva ser excluído dos estudos (...). As mulheres são igualmente (...) dotadas de uma mente ágil e capaz de aprender a sabedoria (muitas vezes até mais que o nosso sexo)”. (Comênio; 1966, p.141).

Comenius elabora uma proposta para a educação desde a infância pré-escolar, concebendo que a educação é a forma de humanizar o homem, de fazê-lo passar de um estado bruto para o de ser humano propriamente, “convém formar o homem, se ele deve ser homem” (Comênio; 1966, p.55). E este aprender a ser humano inclui o aprender a pensar por si:

Que todos se formem com uma instrução não aparente, mas verdadeira, não superficial, mas sólida; ou seja, que o homem, enquanto animal racional, se habitue a deixar-se guiar, não pela razão dos outros, mas pela sua, e não apenas a ler nos livros e a entender, ou ainda a reter e a recitar de cor as opiniões dos outros, mas a penetrar por si mesmo até o âmago das próprias coisas e a tirar delas os conhecimentos genuínos e utilidade (Comênio, 1966, p.164)

E o desejo pelo saber se manifesta na infância, segundo Comenius, e outros pensadores muito antes dele, como Pitágoras, por exemplo, que ele refere numa passagem da *Didática Magna* (p.83). Conforme Comenius, Pitágoras acreditava que era tão natural aos

homens saberem tudo que, se fossem feitas questões sobre toda a filosofia a um menino de sete anos, este responderia a todas com segurança.

Defendendo, então uma educação desde a infância, Comenius pensa também que o espaço apropriado para esta aprendizagem deveria ser a escola, pois em grandes grupos, onde houvesse o compromisso com a produção de conhecimento, o ensino seria mais estimulante do que na solidão. A escola deveria ser uma verdadeira “oficina de humanidade”, onde se ensina “tudo a todos”.

A ligação existente entre filosofia e educação, em Comenius, pode-se encontrar na especificação do conteúdo a que ele se refere: ensinar “tudo”. Significa que, o importante não é o conhecimento de todas as ciências, mas conhecer os fundamentos, “as razões e os objetivos” das principais coisas – das que existem na natureza e das que os homens fabricam.

Comenius classifica as coisas em três tipos: coisas que são objeto de observação (céu, terra); outras são objeto de imitação (a ordem que existe no mundo e que o homem deve seguir) e as coisas que são objeto de fruição (como o favor da divindade). Analogamente, a essência da alma se constitui de três faculdades: inteligência, vontade e memória. A inteligência observa a diferença das coisas; a vontade dirige-se a elas diferenciando entre o que é bom e o que é ruim; e a memória retém as classificações feitas pela inteligência e a vontade para dispor no futuro, por isso chama-se também de consciência. O corpo é, para ele, como um relógio, um mecanismo, em que a razão deve guiar as paixões, e a mente (o cérebro) é a verdadeira força motriz que comanda todos os membros e define as operações.

Existe na *Didática Magna* um constante paralelo entre a natureza e o homem. A formação do homem, segundo ele, deve começar na primeira idade, por causa da semelhança de sua estrutura com a da natureza (plantas) e por causa da incerteza da vida, que é breve.

Constatada a brevidade da vida, Comenius chega à conclusão de que existem indicações na natureza: Deus nos deu o tempo suficiente para nos prepararmos para uma outra vida. No encaminhamento desta reflexão, ele revela o homem como um ser que tem consciência de que irá morrer e como isto influencia em sua formação. Ele afirma: “se, mesmo agora que morremos quase no instante em que nascemos, e o fim se anuncia desde o momento em que temos origem, nos perdemos em frivolidades, que aconteceria se tivéssemos a certeza de viver centenas ou milhares de anos?” (Comênio; 1966, p.192).

Então, segundo ele, recebemos o tempo suficiente, e a vida torna-se longa se soubermos aproveitar este tempo. No entanto, as coisas que podemos fazer no mundo são muitas, e Deus também quis que fossem muitas para nos servirem de “ocupação, de exercício

e de instrução”. Todavia, Ele quis que as ocasiões fossem fugazes para que, tendo consciência disso, nos esforçássemos para agarrá-las.

A partir destas pistas, presentes na natureza, ele conclui que é preciso: prolongar a vida, para que se aprenda o que é necessário; abreviar os estudos, para que se aprenda mais rapidamente; aproveitar as ocasiões para que se aprenda realmente; despertar a mente para que se aprenda facilmente; aguçar o juízo para se aprender solidamente.

A esta busca pelo fundamento das coisas que parece estruturar a metodologia detalhada de sua proposta, contando inclusive com o conteúdo a ser ministrado a cada etapa cognitiva do ser humano desde sua tenra infância (de zero a seis anos de idade) até o ensino acadêmico (18 a 24 anos).

Aqui podemos apontar duas aproximações entre filosofia e educação existentes na proposta de Comenius: a busca pelas razões, pelo pensamento organizado e coerente do ser humano e a concepção de que o conteúdo a ser trabalhado e tematizado nas várias etapas cognitivas é o mesmo, o que muda é o seu grau de aprofundamento em cada fase.

Em Comenius, o conteúdo de um currículo, para a educação infantil, refere-se, inicialmente, à aquisição de linguagem, atentando para as formas de raciocínio implícitas na conversa cotidiana das crianças, para desenvolver habilidades cognitivas básicas (semelhanças, diferenças, relações), aparece no que ele denomina de Escola Materna (0 a 6 anos). A metafísica, segundo ele, deve ter início nesta fase, pois é inicialmente apreendida pelas crianças com conceitos gerais e confusos. Para Comenius, é no processo de ver e ouvir que as crianças percebem que algo existe, e começam a entender os termos: alguma coisa; nada; existe; não existe; onde; quando; semelhante; diferente; coisas que, para ele, são os fundamentos da metafísica. Os ensinamentos rudimentares da ciência física, nos primeiros seis anos de idade, podem ser vivenciados pela criança de modo que não ignore o que seja ar, água, fogo, chuva, neve, pedra, planta, ave, peixe. A geografia pode ser tratada percebendo o espaço que existe ao seu redor: campos, vales, um rio, uma cidade, o local em que habita. A geometria pode se entender com as incipientes analogias: grande/pequeno; comprido/curto; largo/estrito; linha; cruz, círculo, e que comece a medir usando o braço, o palmo, os dedos.

Na proposta de Comenius, percebemos que a aprendizagem está ligada à uma forma de percepção do mundo que é ou da admiração, curiosidade – que busca significados –, ou da experiência que vai constituindo as formulações e significações, enfim há uma necessidade de que a criança, enquanto sujeito do conhecimento, vá tomando consciência do que existe ao ser redor e comece a constituir as razões pelas quais as coisas se fundamentam. Ele defende que o início do processo de conhecimento se dá a partir da experimentação do mundo.

Outra contribuição de Comenius à educação provém da crítica que ele faz às escolas. Ele assinala questões como: necessidade de um método para estimular o interesse pelo ensino; utilizar um tempo em aula que seja o suficiente para o aprendizado, que não torne enfadonho este processo; método de disciplina que não envolva a violência; formas naturais de aprendizagem, respeitando as etapas ou a idade dos alunos, para que não se extrapole em exigências além da capacidade de compreensão e raciocínio destes.

Quando Comenius enfatiza a necessidade de um método didático que estimule os alunos ele afirma que: “a alguns não falta a aptidão para os estudos, mas a vontade; e obrigá-los a estudar contra a vontade é, ao mesmo tempo, enfadonho e inútil. (...) E se se demonstrar que a causa do desgosto pelo estudo são os próprios professores?” (Comênio; 1966, p.173). Resta, então, ao professor saber preparar seu estudante, saber atraí-lo. Da mesma forma que, segundo Comenius, o ferreiro, antes de trabalhar o ferro, o aquece, ou o sapateiro, antes de costurar os sapatos, dá forma e polimento ao couro, assim também o professor, antes de se pôr a instruir o aluno com regras, deve haver um preparo, deve primeiro torná-lo ávido de cultura.

Mas quem alguma vez pensou nisso? Quase sempre, o professor toma o aluno tal qual o encontra, e começa logo a torneá-lo, a batê-lo, a tecê-lo, a modelá-lo a seu modo, pretendendo que ele se torne imediatamente uma beleza, uma jóia; e, se o não consegue logo (e como seria possível consegui-lo?), enche-se de ira, indigna-se, enfurece-se. E havemos de admirar-nos que haja quem critique e fuja de semelhante método de educação? Devemos antes admirar-nos que haja ainda quem se entregue a tais educadores (Comênio; 1966, p.173).

Por fim, destacamos, ainda, na *Didática Magna*, dois aspectos: de um lado, pensa e estabelece conceitos pedagógicos pertinentes a uma mudança da escola – destaca a necessidade de superar o caráter enfadonho da escola e dos métodos de ensino que levavam os alunos ao aborrecimento; por outro, apresenta conteúdos com uma linguagem acessível e uma metodologia própria de uma didática para ser aplicada pelos professores, que devem ser profissionais preparados para esta formação, pessoas escolhidas, notáveis pela sua capacidade – a quem deve ser entregue a responsabilidade desta formação em direção à humanização do homem.

A formação do homem, segundo ele, deve começar na primeira idade. Entretanto, ao mesmo tempo em que é necessário formar a juventude, também é importante que se abram escolas, ou seja, locais destinados ao exercício da formação dos jovens.

Referências Bibliográficas

COMÊNIO, João Amós. *Didática Magna – Tratado da Arte Universal de Ensinar tudo a todos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966.

GASPARIN, João Luiz. *Comênio ou da Arte de Ensinar tudo a todos*. Campinas, SP: Papirus, 1994.